

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE REALEZA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ISABELA GOMES

**A FOTOGRAFIA E O MEIO AMBIENTE: PERCEPÇÕES DA NATUREZA NO
ACERVO FOTOGRÁFICO DA FAMÍLIA SALVADORI – REALEZA/PR.**

REALEZA

2021

ISABELA GOMES

**A FOTOGRAFIA E O MEIO AMBIENTE: PERCEPÇÕES DA NATUREZA NO
ACERVO FOTOGRÁFICO DA FAMÍLIA SALVADORI – REALEZA/PR.**

**Artigo de pesquisa apresentado ao curso de
Licenciatura em Ciências Biológicas da
Universidade Federal da Fronteira Sul, como
requisito parcial para aprovação na disciplina
de Trabalho de Conclusão de Curso II.**

Orientador: Prof. Dr. Antônio Marcos Myskiw.

REALEZA

2021

Modelo de artigo seguido. (Normas em anexo)

Revista História: Debates e tendências. **seer.upf.br**. Disponível em:<<http://seer.upf.br/index.php/rhdt/about/submissions>> Acesso em 12/05/2021.

A FOTOGRAFIA E O MEIO AMBIENTE: PERCEPÇÕES DA NATUREZA NO ACERVO FOTOGRÁFICO DA FAMÍLIA SALVADORI – REALEZA/PR.

PHOTOGRAPHY AND THE ENVIRONMENT: PERCEPTIONS OF NATURE IN THE PHOTOGRAPHIC COLLECTION OF THE SALVADORI FAMILY - REALEZA / PR.

FOTOGRAFÍA Y MEDIO AMBIENTE: PERCEPCIONES DE LA NATURALEZA EN LA COLECCIÓN FOTOGRÁFICA DE LA FAMILIA SALVADORI - REALEZA / PR.

GOMES, Isabelaⁱ

MYSKIW, Antonio Marcosⁱⁱ

Resumo

Este estudo tem o propósito de refletir sobre a transformação da paisagem no município de Realeza/PR, a partir de fotografias antigas que integram o acervo fotográfico da Família Salvadori. Este estudo é uma abordagem qualitativa e comparativa, amparada pelas reflexões de Simon Schama sobre Paisagem e Memória, bem como de Roland Barthes, Ana Maria Mauad e Maria Eliza Linhares Borges sobre fotografia. A ação humana, desde as origens do denso processo de colonização de Realeza, iniciado em fins da década de 1950, promoveu a transformação da paisagem urbana e rural, modificando significativamente a natureza e o ambiente; pelas fotografias selecionadas, novas espécies de plantas, tidas como exóticas, foram introduzidas na paisagem, ora como forma de realizar o reflorestamento, ora para prover sombra e ornamentação urbana em ruas, praças e avenidas.

Palavras-chave: Família Salvadori. Fotografia. Paisagem.

Abstract

This study aims to reflect on the transformation of the landscape in the municipality of Realeza / PR, based on old photographs that are part of the photographic collection of the Salvadori Family. This study is a qualitative and comparative approach, supported by Simon Schama's reflections on Landscape and Memory, as well as by Roland Barthes, Ana Maria Mauad and Maria Eliza Linhares Borges on photography. Human action, since the origins of the dense process of colonization of Royalty, which began in the late 1950s, has promoted the transformation of the urban and rural landscape, significantly changing nature and the environment; through the

selected photographs, new species of plants, considered to be exotic, were introduced into the landscape, now as a way to carry out reforestation, now to provide shade and urban ornamentation in streets, squares and avenues.

Keywords: Family Salvadori. Photography. Landscape.

Resumen

Este estudio tiene como objetivo reflexionar sobre la transformación del paisaje en el municipio de Realeza / PR, a partir de fotografías antiguas que forman parte del acervo fotográfico de la Familia Salvadori. Este estudio es un enfoque cualitativo y comparativo, apoyado por las reflexiones de Simon Schama sobre Paisaje y memoria, así como por Roland Barthes, Ana Maria Mauad y Maria Eliza Linhares Borges sobre fotografía. La acción humana, desde los orígenes del denso proceso de colonización de la Realeza, que comenzó a fines de la década de 1950, ha impulsado la transformación del paisaje urbano y rural, cambiando significativamente la naturaleza y el medio ambiente; a través de las fotografías seleccionadas, se introdujeron en el paisaje nuevas especies de plantas, consideradas exóticas, ahora como una forma de llevar a cabo la reforestación, ahora para dar sombra y ornamentación urbana en calles, plazas y avenidas.

Palabras clave: Familia Salvadori. Fotografía. Paisaje

Introdução

A história e as reflexões que iremos produzir ao longo deste estudo tiveram início com uma solicitação de ajuda, narrada aqui por um dos envolvidos diretos na materialização da ação gerada pela solicitação: o professor Antonio Myskiw, professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Realeza. No decorrer do primeiro semestre de 2016, alguns alunos do curso de graduação em Letras (Português/Espanhol) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *Campus* Realeza, que residiam numa casa de madeira situada na rua Princesa Isabel, procuraram o professor Antonio Myskiw com o intuito de averiguar a possibilidade de visitar a casa onde residiam, pois os proprietários da residência guardavam no interior da casa e no porão uma vasta quantidade de fotografias antigas. Conta o professor Myskiw, que

Em função de compromissos administrativos, a visita na casa dos discentes de letras foi postergada, semana a

semana, até que em agosto de 2016, decidi ir até a residência para conhecer o que lá existia. A casa de madeira remetia às casas fabricadas na década de 1970/80, com muitos quartos, salas e uma vasta cozinha, além de uma varanda que servia de garagem. A mobília da casa pertencia aos antigos moradores, a família Salvadori. Na varanda, um balcão de loja, com muitos vidros e gavetas. Ao abrir uma das gavetas, álbuns fotográficos com fotografias de batizado de janeiro de 1995, realizados na Igreja Matriz de Realeza, saltam aos olhos. O balcão tinha sido utilizado por décadas na empresa da família, a Foto Jóia, em Realeza. Ao entrar na casa, num dos cômodos, dois armários de metal do tipo arquivo, com seis gavetas cada um, repletos de fotografias antigas, cujos proprietários teriam solicitado revelação e não compareceram para retirar. As fotografias estavam em envelopes de cartas, junto com os negativos. Do lado de fora dos envelopes, os nomes dos solicitantes, o endereço, a data da revelação e o preço a ser cobrado quando da retirada. Noutro cômodo da casa, máquinas fotográficas antigas, filmadoras e outras centenas de fotografias acondicionadas em grandes envelopes sobre um guarda-roupas. No porão da casa, cujo piso era de chão batido, centenas de fotografias espalhadas pelo chão e outras tantas em caixas de papelão prontas para serem jogadas no lixo. Junto das fotografias, um cenário fotográfico em tecido pintado, com paisagem de floresta e campo, certamente utilizado no estúdio fotográfico existente na loja (MYSKIW, 2019, p. 03)

Aquela primeira visita tinha sido, no entender do professor Myskiw, angustiante. Como alguém poderia descartar tamanha quantidade de fotografias que, ao serem estudadas devidamente, poderiam propiciar olhares diferentes sobre a cidade e a população de Realeza. No dia seguinte, com auxílio dos discentes do curso de Letras, mediante autorização da família Salvadori, as fotografias, os armários de metal, as máquinas fotográficas e filmadoras foram recolhidas e levadas para o Laboratório 103, da UFFS. “Lembro que era uma tarde de chuva fina e a

caminhonete da UFFS possuía capota. foram três viagens com a carroceria cheia de material. Havia um misto de dever cumprido ao evitar a destruição de uma memória visual de realeza e região”. (MYSKIW, 2019, p. 03)

O acervo fotográfico ficou guardado em caixas de papelão e nos arquivos de metal, numa sala escura, durante dois anos. Somente em 2019, o acervo fotográfico passou a ser objeto de limpeza, higienização e seleção, pois muitas fotografias (sobretudo aquelas que estavam no porão da casa da família Salvadori) tinham sido danificadas pela umidade, pela poeira, pela ação de ratos e outros insetos que danificaram e colaram umas fotografias às outras, quando não tinham sido roídas ou manchadas. Outras caixas contendo negativos fotográficos foram devidamente separadas por tipologias de filmes/rolos e acondicionadas em caixas de arquivo pretas para evitar a presença de luz. (MYSKIW, 2019, p. 04)

Nosso acesso ao acervo fotográfico, e mesmo o conhecer de sua história, ocorreu quando dos diálogos com o professor Myskiw sobre nossas intenções de desenvolver pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que envolvesse a questão ambiental. Foi ao conhecer a potencialidade do uso das fotografias como objeto de pesquisa, que decidimos explorar esse acervo fotográfico como fonte documental para pensar a transformação da paisagem no decorrer da história urbana e rural de Realeza e, com isso, iniciar uma reflexão sobre a questão ambiental na atualidade e que essa reflexão levasse à elaboração de material didático sobre Educação Ambiental. No entanto, as limitações do acervo fotográfico no que diz respeito à quantidade e qualidade das fotografias encontradas que possibilitaram um olhar sobre o tema educação ambiental eram grandes em função da ausência de dados sobre os locais fotografados, ora da ausência de datas mais precisas, ora ainda, se as fotos reveladas eram paisagens do município de Realeza. Tais limitações nos fizeram mudar nosso foco de pesquisa e centrar atenção em algumas fotografias urbanas e rurais de Realeza e, com aporte teórico no conceito de paisagem, extrair das imagens alguns elementos que possibilitem refletir sobre o meio ambiente.

A paisagem, a imagem fotográfica e a história de Realeza/PR.

Sabemos que não são poucos os estudos sobre paisagens na ótica da geografia, da história, da filosofia e da Arquitetura, dos quais destacamos os escritos de Jean-Marc Besse, *Ver a Terra. Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia* (2006); Anne Cauquelin, *A Invenção da Paisagem* (2007); Maria Amélia Bulhões e Maria Lúcia Bastos Kern, *Paisagem: desdobramentos e perspectivas contemporâneas* (2010); Aauto Novaes (Org). *O Olhar* (1988); Nelson Brissac Peixoto, *Paisagens Urbanas* (1996). Cada um, em seu tempo, produziu olhar sensível sobre as paisagens urbanas e rurais, no passado e no presente. No entanto, neste estudo, utilizaremos as reflexões de Simon Schama na obra *Paisagem e Memória* (1996) como suporte teórico para pensar nosso objeto de análise que são algumas fotografias do acervo fotográfico da família Salvadori.

Para Simon Schama, a percepção da(s) paisagem(ns) que visualizamos na atualidade são frutos de muitos elementos que “juntamos” ao longo da vida. E, como a percepção muda para cada pessoa, muitas construções de uma mesma paisagem podem ser possíveis, seja a partir de fotografias, vídeos e textos escritos que narram em detalhes uma paisagem. Ela não é constituída somente por nossas memórias, mas também por estratos de terra e rochas. Simon Schama, no livro *Paisagem e Memória* escreve sobre a constituição da paisagem enquanto formas de percepção humana e também de lembranças:

E, se a visão que uma criança tem da natureza já pode comportar lembranças, mitos e significados complexos, muito mais elaborada é a moldura através da qual nossos olhos adultos contemplam a paisagem. Pois, conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade eles são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camada de lembranças quanto de estratos de rochas. (SCHAMA, 1996, p. 16-17).

A vivência, a experiência vivida por determinadas pessoas num lugar, região ou país contribuem de forma sem igual na leitura, compreensão e reflexão sobre a

paisagem de determinado lugar, região ou país. Como a experiência de vida é única para cada um, há, em cada ser humano vivo a possibilidade de se ler e compreender uma mesma paisagem de forma distinta em algum aspecto, sem descartar os pontos comuns elencados por outros. Com isso, Schama quer alertar ao leitor sobre a situação ecológica do planeta terra a partir do estudo da paisagem através da cultura de uma determinada sociedade e como as camadas da memória de uma pessoa, comunidade e sociedade influenciam na percepção de uma paisagem.

Para Schama, a paisagem (no nosso caso, a paisagem fotográfica), ao ser observada, lembrada e interpretada, contém aspectos da cultura local, regional e nacional de quem a lê, interpreta e a descreve, pois a natureza só se torna paisagem quando escrita, dita e visibilizada. A narrativa descritiva da paisagem opera no sentido de traduzir seus elementos, mas essa leitura e escrita envolve percepções, sentimentos, interesses de quem olha, além de desejos e imaginações. Segundo Simon Schama, a paisagem necessita ser compreendida como texto, como escrita de quem a lê, inserido em uma sociedade, situada no tempo e no espaço.

Já que nosso estudo se centra sobre a paisagem urbana e rural em Realeza/PR, cuja história e a geografia local é importante para se compreender a transformação da paisagem, apresentamos abaixo uma fotografia aérea de Realeza, datada do início da década de 1960.

Figura 1 - Realeza/PR, início da década de 1960.



Fonte: Fotografia aérea de Realeza/PR. Data Aproximada: início da década de 1960. Fotógrafo desconhecido. Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Realeza/PR, alocado na Casa da Cultura.

A intenção do fotógrafo, ainda que desconhecido, era registrar o alvorecer da cidade de Realeza/PR ao longo de uma estrada de chão (que hoje é uma avenida denominada de Rubem Cesar Caselani). Na fotografia não é possível perceber as características geográficas (áreas mais baixas e elevadas), mas ao se comparar com fotografias mais recentes da década de 1970, trata-se de uma fotografia cuja paisagem apresenta casas e uma serraria que hoje situa-se na baixada do Lago Municipal. A paisagem natural já havia sido modificada, mas no entorno das casas e serrarias, a floresta era abundante. Percebe-se na imagem a existência de floresta de pinheiro araucária, que podem ser melhor visualizadas em outra fotografia tirada no mesmo dia e pelo mesmo fotógrafo da imagem anterior (Figura 2).

Figura 2 - Realeza/PR, cruzamento das avenidas.



Fonte: Fotografia aérea de Realeza/PR. Data Aproximada: início da década de 1960. Fotógrafo desconhecido. Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Realeza/PR, alocado na Casa da Cultura.

Na figura 2, o destaque é para as avenidas que hoje denominam-se de Rubem Cesar Caselani (que corta a horizontal na fotografia) e Bruno Zuttion (que corta a vertical, na fotografia). Ao fundo, a imponente floresta que contrasta com as pequenas casas. Já existem prédios de dois andares. Existem algumas ruas. Algum tempo depois, em meados da década de 1970, outra fotografia aérea na mesma área, o lago já tinha sido formado, as avenidas já possuíam mãos duplas e a praça central da Igreja Matriz já estava delimitada (Figura 3).

Figura 3 - Realeza/PR, meados da década de 1970.



Fonte: Fotografia aérea de Realeza/PR. Data Aproximada: meados da década de 1970. Fotógrafo desconhecido. Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Realeza/PR, alocado na Casa da Cultura.

Na Figura 3, na parte superior da fotografia, além da formação do lago (em cujo entorno ainda há algumas árvores), percebe-se o significativo aumento no número de casas, de ruas, praças e, na parte inferior da imagem, da existência de outra serraria. Destaca-se na fotografia/paisagem, além do relevo, a devastação da floresta de pinheiros, cedendo lugar ao planejamento urbano, ao desenho e delimitação de quadras e ruas. Na parte central da fotografia, verifica-se a delimitação da praça central da cidade (quatro quadras, duas de cada lado da avenida e paralelamente à outra avenida - Bruno Zuttion) ainda sem arborização.

Figura 4 - Realeza/PR, praça central.



Fonte: Fotografia aérea de Realeza/PR. Data Aproximada: meados da década de 1970. Fotógrafo desconhecido. Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Realeza/PR, alocado na Casa da Cultura.

Na figura 4, o destaque do fotógrafo é para a praça central da Igreja Matriz, o cruzamento das avenidas e, ao lado do posto Golin, a área de lazer das crianças (no mesmo local até hoje). No entorno da praça e das casas ao fundo, não havia mais florestas. Ao longo das ruas, sem pavimentação, apenas a praça central parece ter recebido pavimentação e gramado. A primeira Igreja Matriz, em madeira, era uma obra imponente. Na parte inferior da imagem, num prédio de dois andares com muros em dois lados, funcionava a prefeitura municipal (onde hoje é a farmácia da família Pompermaier e a clínica do Batiston).

Com essas quatro fotografias é possível perceber a transformação da paisagem nativa numa área urbana no decorrer de pouco mais de uma década. Da floresta à terra arrasada o impacto da paisagem é gritante. Mas, para quem viveu essa época, o desmatamento e a transformação da paisagem ocorreu de forma lenta e cadenciada ao longo dos anos. Na medida que uma casa ou empresa nascia,

algumas árvores eram derrubadas, transformadas em madeira serrada e em casas. Mas, é importante refletir, ainda que de forma concisa, sobre fotografia.

São dezenas, quiçá, centenas de pesquisadores mundo afora que se dedicaram à pesquisa e à escrita sobre fotografia, da teoria à prática, dentre os quais destacamos aqui Roland Barthes, *A Câmara Clara* (1984); Ana Maria Mauad, *Através da imagem: fotografia e história* (1996); Peter Burke, *Testemunha Ocular* (2016); Maria Eliza Linhares Borges, *História & Fotografia* (2011). Não é nossa intenção neste texto discorrer sobre a história da fotografia, mas de apresentar ao leitor alguns elementos que consideramos importantes para que possa perceber, ao ler a fotografia, outros aspectos que no olhar de um cidadão comum, passaria despercebido.

Para Ana Maria Mauad, a fotografia é um tipo de imagem. Mas não é só isso. Para ela, entre o sujeito que olha uma imagem produzida, há muito mais do que os olhos podem ver, isto é, que uma imagem não deve ser observada apenas como uma reprodução ou expressão banal de uma determinada realidade (como as quatro fotografias destacadas acima), mas de percebê-la como uma interpretação da realidade, cujo filtro está no olhar do fotógrafo (que selecionou o ângulo da fotografia, o enquadramento, a distância do objeto a ser fotografado levando-se em consideração o objetivo, a necessidade daquela fotografia) e, ao ser revelada (em cor cinza, sépia ou colorida), no olhar do observador que vê a fotografia. (MAUAD, 1996). A fotografia, esse instantâneo da realidade, no entender de Roland Barthes, é uma intenção de leitura por parte do fotógrafo, que ao revelar e entregar a fotografia a seus destinatários, produzirão outras leituras e usos (BARTHES, 1984, p. 117).

Maria Eliza Linhares Borges sinaliza que as fotografias podem revelar, não somente o olhar do fotógrafo, mas as maneiras de sentir e pensar de um grupo social com relação a determinado tempo, espaço e memórias a serem preservadas. “Quando transformada em documento”, aponta Maria Eliza, “a imagem fotográfica dessacraliza a rede de relações que a sustenta. Esse processo, marcado pelo jogo entre razão e sensibilidade, não se fará, no entanto, em detrimento de sua magia e de seus múltiplos significados”. (BORGES, 2011. p. 112) As fotografias utilizadas acima fazem parte do acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Realeza e foram expostas ao público várias vezes durante as feiras e exposições municipais. Por que

essas fotografias foram escolhidas para constar no acervo fotográfico? Com quais intenções? As memórias, diretas e indiretas, de quem serão asseguradas para a posteridade? Certamente, a memória dos fundadores da cidade de Realeza/PR.

Segundo os memorialistas Fidelis Dalcin Barbosa e Renato Álvaro Neis, que produziram pesquisas históricas sobre Realeza. Com base em uma diversificada documentação histórica, além de depoimentos orais, muitos deles coletados no início da década de 1980, ambos os memorialistas apontam que em 1958, chegaram ao território do atual município de Realeza (que na época pertencia ao município de Ampére) Bruno e Maria Zuttion, José Marcolino Zanchi, e os Irmãos Cerini. Não eram os primeiros moradores, e se instalaram nas posses de outras famílias, como os Dama (Henrique e Luiz Claudino dos Santos), João Paria Pinto, Sétimo Dal Cortivo e Miguel Muller. Pouco tempo depois, Bruno Zuttion adquiriu uma área de 150 alqueires, dos Dama, que corresponde à área urbana de Realeza. No início da década de 1960, Zuttion negociou com Rubem Cesar Caselani, Romano Zanchet e Ângelo Camilotti (empresários gaúchos) a instalação de uma indústria madeireira CAZACA (Iniciais dos nomes Caselani, Zanchet e Camilotti), que iniciou o funcionamento em meados de 1961, na “baixado do lago municipal” (como se observa nas fotografias) (NEIS, 1995, p. 22-23; BARBOSA, 1983, p. 24).

Em 1963 ocorreu a criação do município de Realeza, desmembrando-se Ampére. A abertura de estradas ligando Ampére e Capanema a Realeza, bem como a ponte sobre o rio Capanema, fez com que Realeza se tornasse um entroncamento rodoviário, atraindo a atenção de empresários de vários ramos. A casa comercial de Sirval Manfroi, o Hotel de Lauro Rodrigues, a rodoviária de João da Silva, a casa de ferragens de Arnolfo Umann e a oficina mecânica de Nelson Abreu, são alguns estabelecimentos edificadas ainda na primeira metade da década de 1960.

Embora a madeira tenha sido o fator determinante para o começo da ocupação de Realeza, a fertilidade do solo impulsionou a prática agrícola, como afirma Neis: “Sem dúvida não fosse isso, terminada a fase abundante da madeira teria havido um deslocamento em massa para as novas regiões. Aqueles que fixaram foi porque vislumbraram boas perspectivas de prosperar economicamente com culturas agrícolas” (1995, p. 64). Os extensos pinhais, em poucos anos, no campo e na cidade, foram derrubados pelos colonos migrantes, descendentes de

italianos, alemães, poloneses, às vezes com auxílio dos caboclos que habitavam as matas e nascentes de rios. A maioria dos colonos eram posseiros das terras que adquiriram, pois ao término da Revolta de colonos e posseiros ocorrida em 1957, o Governo Federal cancelou todos os títulos de terras expedidos na Gleba Missões e criou um órgão denominado de Getsop (Grupo Executivo para as Terra do Sudoeste do Paraná) atrelado ao Ministério da Defesa (Exército) para realizar a regularização fundiária assentando nas terras os colonos e caboclos que realmente viviam e possuíam moradia e cultura agrícola. A área urbana de Realeza também teve de passar por regularização fundiária. Segundo Jaci Poli, no município de Realeza foram expedidos 1890 títulos em área urbana (2012 lotes) e 1003 títulos em área rural (2869 lotes), totalizando 34.585,27 hectares (POLI, 2021, p. 261).

Jaci Poli destaca, ainda, que o papel do Getsop foi muito além da regularização fundiária da Gleba Missões, pois atuou fortemente no processo de modernização agrícola das propriedades rurais.

Para poder demonstrar as vantagens da mecanização, foram realizadas mais de 22.000 horas de serviços de destocamento, aração, gradagem e açudagem para as famílias de agricultores [...] Os principais serviços realizados, além das medições de áreas e das vistorias para a comprovação dos direitos dos posseiros, eram a abertura e a manutenção de estradas, o destocamento de áreas para a agricultura, a aração de áreas para agricultores e o fornecimento de sementes e adubos por meio dos serviços de assistência técnica. Havia uma relação institucional do GETSOP com as prefeituras e com os órgãos do estado, visando a garantir esses serviços para os agricultores. O GETSOP emprestava equipamentos seus para as prefeituras ou agenciava máquinas e equipamentos junto ao governo do estado para a realização de obras e serviços em sua área de atuação (POLI, 2021. p. 248 e 251).

Com a regularização fundiária das áreas urbanas e rurais, os colonos e empresários puderam ter acesso a linhas de financiamento agrícolas e empresariais, pois a titulação das terras era uma garantia exigida pelos bancos como

condicionante aos financiamentos. Muitos colonos, ainda que possuindo pequenas áreas de terras, foram ludibriados com a política de modernização agrícola e as falácias de que possuindo máquinas modernas a produtividade das lavouras com sementes tratadas compensaria o investimento. Algum tempo depois, muitos colonos tiveram de vender as propriedades rurais para saldar as dívidas com os bancos e migrar para o Paraguai para continuar a vida de agricultor, aponta a pesquisadora Roseli Alves dos Santos em sua tese de doutorado intitulada “O processo de modernização da agricultura no Sudoeste do Paraná” (2008).

Metodologia

Como apontado no início deste texto, o acervo fotográfico da Família Salvadori foi doado à Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza, em 2016, alocado no Laboratório 103. As fotografias datam do período entre 1979 e 2014, período em que a Foto Jóia permaneceu em funcionamento. Ao todo são cerca de 8 mil fotografias, além de milhares de negativos fotográficos. Decidimos explorar as fotografias existentes nos dois arquivos de metal, organizados por ordem alfabética em envelopes de cartas devidamente identificados com os nomes das pessoas que solicitaram a revelação dos negativos fotográficos e de pessoas que haviam contratado os serviços fotográficos do Sr. Avelino Salvadori.

Com auxílio de um mapa antigo de Realeza, contendo as comunidades rurais e distritos, realizamos a separação dos envelopes de fotografias dos dois arquivos de metal por comunidades. As fotografias de cada comunidade e da área urbana de Realeza foram acondicionadas em uma ou mais caixas de sapato. Após terminada a separação, passamos a abrir e verificar as fotografias de cada envelope com o objetivo de identificar quais fotografias poderiam servir para nosso objeto de pesquisa. Identificamos fotografias tiradas nas localidades da Linha Gruta, Bosque, área urbana de Realeza e Linha São Judas.

Para analisar as fotografias, para além de uma leituras por si só, decidimos proceder uma análise comparativa das fotografias e das paisagens com novas fotografias tiradas no tempo presente, tentando reproduzir o mesmo lugar e ângulo

das fotografias antigas. Algumas fotos não foram tiradas exatamente no ângulo feito pela Foto Jóia, tendo em vista que em algumas propriedades não foi permitida a visita em função da Covid-19 ou porque os cachorros das propriedades não permitiram o acesso seguro.

Resultados e Discussões

A transformação da paisagem e do espaço geográfico foi fruto do crescimento e desenvolvimento rural e urbano de Realeza. A paisagem antes pródiga em diversidade de espécies vegetais e animais cedeu lugar ao trabalho mecanizado nas lavouras e a urbanização densa da cidade, trazendo o progresso e o desenvolvimento que impulsionaram as transformações da paisagem. Como consequência disto, temos a devastação de florestas, o assoreamento de rios, o empobrecimento do solo, a contaminação das águas pelos agentes introduzidos nos processos agrícolas e industriais e a proliferação de epidemias ocasionadas pelo desequilíbrio do ecossistema. Espécies exóticas de plantas e árvores foram introduzidas na área rural e em espaços urbanos, como os eucaliptos, as seringueiras e as grevileas. O primeiro cultivado em áreas rurais como estratégia de reflorestamento e as outras duas como árvores destinadas à sombra em espaços urbanos.

Segue a apresentação das fotografias antigas e atuais do mesmo ambiente fotografado, para que se proceda as respectivas leituras e interpretações.

Figura 5 - Bairro São José Operário

(a)

(b)



(c)



(d)



(e)



(f)



Fonte: Fotografia (a), (c) e (e) de Realeza/PR. Data Aproximada: meados da década de 1985. Fotógrafo Foto Jóia. Acervo fotográfico da Família Salvadoril de Realeza/PR, alocado no laboratório 103 na Universidade Federal da Fronteira Sul.

Fonte: Fotografias (b), (d) e (f) de Realeza/PR. Data aproximada 12/03/2021. Fotógrafa: Isabela Gomes.

A figura 5, imagem (a), (c) e (e), é uma foto antiga, que data por volta do ano de 1985. É uma rua de terra, que naquele tempo era chamada de rua de chão batido no bairro São José Operário. Provavelmente a foto foi tirada por conta de um acidente ocorrido no cruzamento devido a inexistência de sinalização. Podemos

visualizar plantações de mandioca e uma vasta área verde com árvores de sombra. A cerca fora construída com madeiras provavelmente extraída da própria mata da região.

Já, na parte da área urbana podemos visualizar a rede de energia elétrica marcando o loteamento urbano e algumas árvores de eucaliptos que já apontam para a década de 80, um período de reflorestamento com novas espécies vegetais. Também os muros baixos de concreto ladeavam os terrenos. Ainda na figura 5 podemos perceber que o tráfego não era intenso, que o provável acidente poderia ter tido outras causas e despertou a atenção de alguns poucos curiosos porque o número de moradores na área era restrito.

A figura 5, imagem (b), (d) e (f), é uma foto atual, na data de 12/03/2021, já revela uma modificação da paisagem. não há mais área de mata nativa, o que deu lugar a construções de casas e plantio de árvores de sombra. A rua é de calçamento com pedras irregulares e apresenta sinalização de trânsito. Um entrelaçar de fios da rede elétrica e da *internet* cria um novo visual da paisagem.

Figura 6 - Avenida Bruno Zuttion

(a)



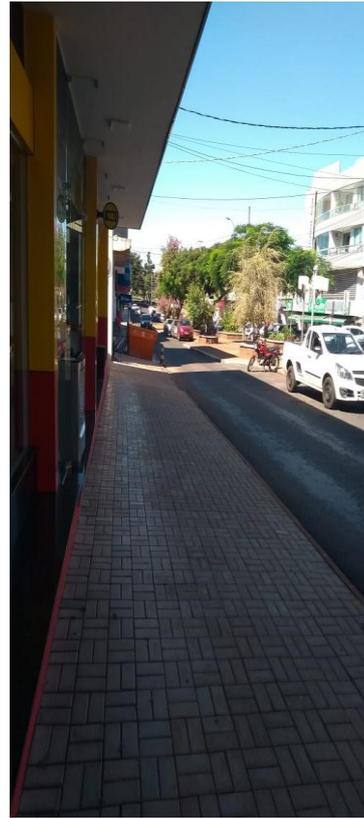
(b)



(c)



(d)



Fonte: Fotografia (a) e (c) de Realeza/PR. Data Aproximada: meados da década de 1980. Fotógrafo Foto Jóia. Acervo fotográfico da Família Salvadoril de Realeza/PR, alocado no laboratório 103 na Universidade Federal da Fronteira Sul.

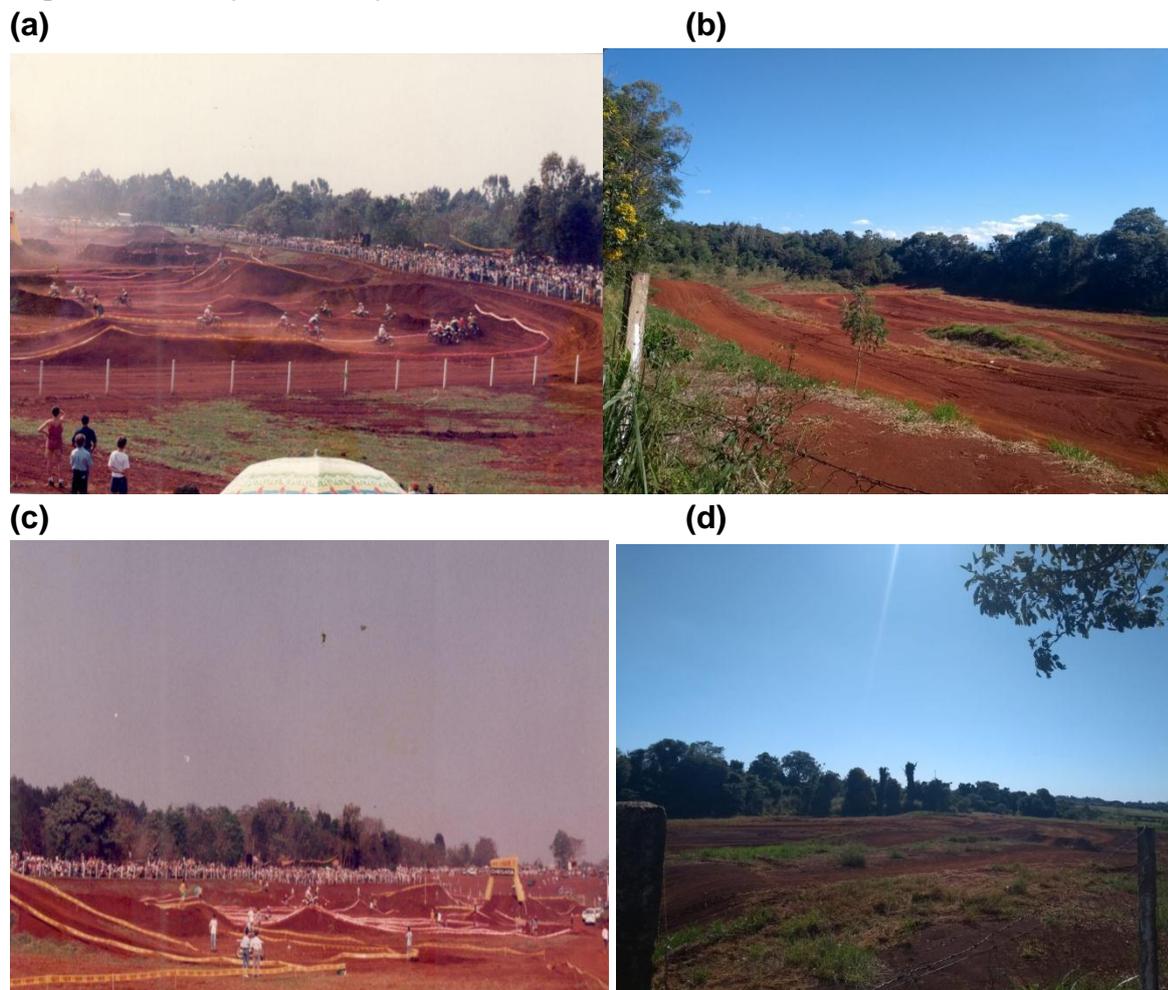
Fonte: Fotografias (b) e (d) de Realeza/PR. Data aproximada 11/03/2021. Fotógrafa: Isabela Gomes.

A figura 6, imagem (a), retrata a Avenida Bruno Zuttion no centro da cidade de Realeza no ano de 1980. As ruas já estão devidamente asfaltadas com passeios de paralelepípedos e vagas para estacionamento. O canteiro central é bem arborizado e o tráfego nas ruas, bem como os carros no estacionamento é limitado. Há também árvores nas calçadas, em fase de crescimento, em frente às casas e aos estabelecimentos comerciais.

A imagem (c), também da avenida Bruno Zuttion, na região central, porém tirada de outro ângulo em comparação a imagem (a), a poda das árvores provavelmente não seguia algum controle de manejo e nem o distanciamento das espécies, visto que a imagem mostra árvores com brusca poda. Podemos concluir que não havia, no início do processo de urbanização um planejamento padrão e sustentável de construção e conservação ambiental, o que ao longo dos anos foi mudando a vista das cidades.

A figura 6, imagem (b) foi tirada na data de 11/03/2021 e retrata o mesmo ponto da imagem (a) na avenida Bruno Zutton e podemos perceber uma grande alteração do meio, tanto na paisagem natural quanto na física. O número de árvores está bem reduzido, há pouca sombra no canteiro central, onde se ampliaram as vagas de estacionamento. A rua, devidamente colorida e a calçada já apresenta outras formas de pavimento. O tráfego nas ruas é intenso e o número de carros no estacionamento é grande. Há mais construções de prédios grandes e altos que abrigam os estabelecimentos comerciais.

Figura 7 - Bosque Municipal de Realeza - PR



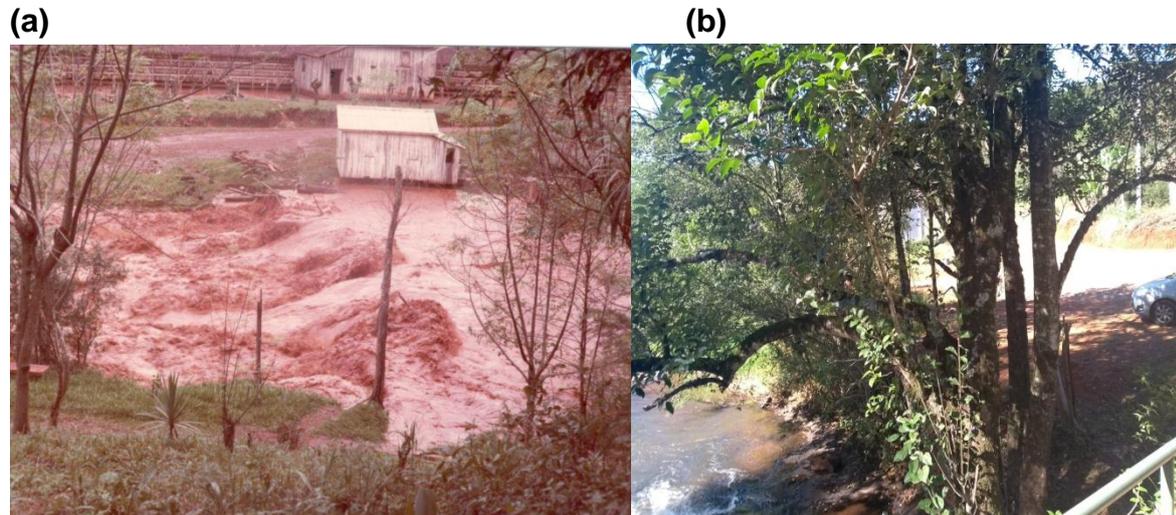
Fonte: Fotografia (a) e (c) de Realeza/PR. Data Aproximada: meados da década de 1990. Fotógrafo Foto Jóia. Acervo fotográfico da Família Salvadoril de Realeza/PR, alocado no laboratório 103 na Universidade Federal da Fronteira Sul.

Fonte: Fotografias (b) e (d) de Realeza/PR. Data aproximada 12/03/2021. Fotógrafa: Isabela Gomes.

Nas figuras, temos as fotos do Bosque Municipal de Realeza. Na figura 7, imagem (a) e (c) temos o acontecimento de um evento, provavelmente um *motocross*, onde reuniu uma multidão de espectadores em torno da pista que

apreciam os competidores em atividade. No bosque, o que vemos é a permanência da paisagem, antiga e nova, mas porque se trata de uma reserva florestal, pertencente à Prefeitura Municipal de Realeza. A floresta é remanescente de áreas vegetais que cresceram naturalmente e que não puderam ser derrubadas por se tratar de espaço público. O que nos leva também a concluir que a paisagem não sofreu transformações, é a permanência da mesma cerca de arame farpado.

Figura 8 - Gruta de Nossa Senhora de Lourdes.



Fonte: Fotografia (a) de Realeza/PR. Data Aproximada: meados da década de 1983. Fotógrafo Foto Jóia. Acervo fotográfico da Família Salvadoril de Realeza/PR, alocado no laboratório 103 na Universidade Federal da Fronteira Sul.

Fonte: Fotografias (b) de Realeza/PR. Data aproximada 11/03/2021. Fotógrafa: Isabela Gomes.

Na figura 8, imagem (a), temos a foto da área que hoje está a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes. Esta gruta foi inaugurada no ano de 1964, e sua construção foi pela iniciativa do Pe. Ludovico Ricardo Bedin, vigário da Paróquia de Realeza na época. Nesta imagem vemos uma enchente provocando erosões às margens do rio Sarandi alterando a percepção da visão de quedas d'água no local. Há pouca vegetação em torno do rio e já se pode observar a construção de casas e outras benfeitorias muito perto do rio.

Na figura 8, imagem (b), o fotógrafo pretende mostrar a margem do rio Sarandi já com regeneração natural. A lente do fotógrafo mira especialmente a vegetação secundarizando as quedas d'água, de pequenas proporções, mas que proporciona uma expressiva atração turística. As águas estão protegidas apesar da pouca vegetação que ali se sustenta. Sendo a Gruta Nossa Senhora de Lourdes, um patrimônio do município de Realeza.

Figura 9 - Linha São Judas

(a)



(b)



(c)



(d)



Fonte: Fotografia (a) e (c) de Realeza/PR. Data Aproximada: meados da década de 1994. Fotógrafo Foto Jóia. Acervo fotográfico da Família Salvadoril de Realeza/PR, alocado no laboratório 103 na Universidade Federal da Fronteira Sul.

Fonte: Fotografias (b) e (d) de Realeza/PR. Data aproximada 12/03/2021. Fotógrafa: Isabela Gomes.

Na figura 9, imagem (a), temos a imagem de uma estrada de terra na Linha São Judas, em época de chuvas. Nesta podemos observar um atoleiro e as laterais da estrada arrasadas pela forte ação das águas e falta de áreas de escoamento. A mata da área já havia sido derrubada para a preparação do solo e a realização de lavouras.

Na figura 9, imagem (b), já temos a paisagem totalmente alterada, um flagrante nesta foto da destruição da paisagem florestal. Restou o campo, a pastagem e poucas árvores para a proteção das construções: casas, galpões, aviários, entre outros. Notamos a ausência de medidas de proteção de solo como terraceamento ou murundus.

Na figura 9, imagem (c), a intenção do fotógrafo foi revelar a total ausência de floresta, e revelar o quão rápido foi o processo de desmatamento nas áreas agrícolas no município de Realeza. A imagem (d), mostra uma realidade das vastas áreas de lavouras para o cultivo de sementes sem alguma área de florestas, terraceamento, curvas de nível, para conter a erosão.

Este estudo contribui para pensar as transformações da paisagem urbana e rural, ocorridas com o passar das décadas. Transformações estas, que em função do argumento de melhoria na qualidade de vida e trabalho humano, devastaram florestas, modificaram cursos de rios e introduziram espécies exóticas de plantas. A leitura e releitura de fotografias antigas, por meio do método comparativo, torna perceptível essas novas paisagens e possibilita aos pesquisadores e leitores o uso em atividades educativas sobre a temática ambiental. Esta proposta, a partir da inserção do universo da fotografia, se mostra como nova de abordagem e estudo das questões ambientais.

A coletânea de fotografias da família Salvador, agora catalogadas por comunidades do município de Realeza-PR e devidamente arquivadas no laboratório 103 da Universidade Federal da Fronteira Sul *campus* Realeza se encontra à disposição para todos aqueles que desejam conhecê-la e apreciá-la a fim de estudos ou de utilização em suas práticas educacionais. A contribuição dada por esse trabalho de seleção, organização e arquivamento destas fotografias é de suma importância à conservação de memórias e contexto histórico do município que contribuem para o entendimento das transformações sofridas pelo meio ambiente ao longo dos anos 1979 a 2021.

Anexo:

1. Os artigos deverão ter entre 25.000 e 45.000 caracteres com espaços, incluídas as notas e referências; os textos para as seções de Resenhas, Fontes comentadas e Entrevistas deverão ter entre 12.000 a 14.000 caracteres com espaços, também incluídas as notas e referências.
2. Os artigos deverão vir acompanhados de resumo no idioma original, e de um resumo em português, quando este não for o idioma original, bem como de resumos em espanhol e inglês, de no máximo dez linhas, três palavras-chave no idioma original, em português (quando este não for o idioma original), três em inglês (keywords) e três em espanhol (palabras clave).
3. O título do artigo deverá aparecer em seu idioma original e traduzido para o português (quando este não for o idioma original) seguida de suas versões em inglês e espanhol.
4. Independentemente da seção em que se enquadre, os textos deverão ser digitados no editor de texto Word for Windows em formato A4, fonte Times New Roman 12, espaçamento entrelinhas de 1,5, margens de 2,5 cm, parágrafo de 1,5 cm (primeira linha). Os subtítulos deverão ter fonte de tamanho 13, com alinhamento à esquerda, espaço simples, espaçamento de 6 pts antes e depois.
5. Resumo e palavras-chave: o resumo deverá ser redigido em parágrafo único, frases concisas (não em tópicos), com verbos na voz ativa e na terceira pessoa do singular; as palavras-chave devem aparecer logo abaixo do resumo, em ordem alfabética, separadas por ponto.
6. Ilustrações, tabelas e outros recursos visuais: deverão ter identificação completa (legenda e fonte) e ser numeradas consecutivamente, inseridas o mais próximo possível da menção no texto. Por se tratar de publicação em preto e branco, recomenda-se, na elaboração de gráficos, uso de texturas no lugar de cores. Em caso de fotos ou ilustrações mais elaboradas, deverá ser enviado arquivo anexo com os originais. Tabelas e quadros deverão estar no formato de texto, não como figura. Imagens e/ou ilustrações deverão ser enviadas como “Documentos suplementares”

em arquivo à parte, no formato JPG, ou TIF, em alta resolução (no mínimo 200 dpi). O autor é responsável pela autorização de publicação da imagem, bem como pelas referências correspondentes.

7. Siglas: na primeira vez em que forem mencionadas, devem, antes de constar entre parênteses, ser escritas por extenso, conforme exemplo: Universidade de Passo Fundo (UPF).

8. Notas de fim: deverão ser utilizadas apenas as de caráter explicativo e/ou aditivo e para indicação de fontes primárias. Não serão aceitas notas de rodapé (converter em notas de fim).

9. Destaques: deverá ser usado itálico para palavras estrangeiras com emprego não convencional, neologismos e títulos de obras/periódicos.

10. Citações: deverão obedecer à forma (SOBRENOME DO AUTOR, ano) ou (SOBRENOME DO AUTOR, ano, p. xx). Diferentes títulos do mesmo autor, publicados no mesmo ano, deverão ser diferenciados adicionando-se uma letra depois da data (SOBRENOME DO AUTOR, ano, p. xx). As citações com mais de três linhas deverão constar em novo parágrafo, em corpo 10, sem aspas, alinhamento justificado, margem esquerda de 2,5 cm, sem deslocamento de primeira linha, com espaçamento simples e 6 pt antes e depois.

Deverá ser adotado uso de aspas duplas para citações diretas no corpo de texto (trechos com até três linhas). No caso de mais de três autores, indicar sobrenome do primeiro seguido da expressão latina et al. (sem itálico). A referência reduzida deverá ser incluída após a citação, e não ao lado do nome do autor, conforme exemplo: De acordo com Freire (1987, p. 69), “[...] o educador problematizador (re)faz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscitividade dos educandos” (1987, p. 69).

11. Referências: deverão constar, exclusivamente, os textos citados, em ordem alfabética pelo nome do autor, seguindo as normas da ABNT. Deverá ser adotado o mesmo padrão em todas as referências: logo após o sobrenome, que será grafado em caixa alta, apresentar o nome completo ou apenas as iniciais, sem misturar os

dois tipos de registro (FREIRE, Paulo ou FREIRE, P.). As fontes primárias deverão constar unicamente nas notas de fim. Não é necessário referenciar epígrafe. Exemplos de referências mais recorrentes: Livros: SOBRENOME, Nome. Título do livro: subtítulo. Cidade: Editora, ano. Capítulos de Livros: SOBRENOME, Nome. Título do capítulo. In: SOBRENOME, Nome (Org.). Título do livro: subtítulo. Cidade: Editora, ano. p. xx-yy. (página inicial - final). Artigos em periódicos: SOBRENOME, Nome. Título do artigo. Nome do Periódico, Cidade: Editora, v. ____, n. ____, p. xx-yy (página inicial - final), mês abreviado. ano. Textos de publicações em eventos: SOBRENOME, Nome. Título. In: NOME DO EVENTO, número da edição do evento, ano em que o evento ocorreu, cidade de realização do evento. Título dos Anais. Cidade: Editora, ano. p. xx-yy (página inicial - final). Teses / Dissertações: SOBRENOME, Nome. Título da D/T. Ano. Dissertação/Tese (Mestrado em.../Doutorado em...) – Nome do Programa de Pós Graduação ou Faculdade, Nome da IES, Cidade, Ano. Sites: [Informações variáveis]. Disponível em: <http://...>. Acesso em: dd. mm. aaaa.

Referências.

BARBOSA, Fidélis Dalcin. **Realeza-PR, 20 anos de história.** Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1983.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: notas sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra. Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia.** São Paulo: Perspectiva, 2006.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BULHÕES, Maria Amélia e KERN, Maria Lúcia Bastos. **Paisagem: desdobramentos e perspectivas contemporâneas.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

BURKE, PETER. **Testemunha Ocular.** São Paulo: Editora da Unesp, 2017.

CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da Paisagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MAUAD, Ana Maria. “Através da imagem: fotografia e história”. *Revista Tempo*. Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996.

MYSKIW, Antonio Marcos. **Organização do acervo fotográfico da Família Salvadori em Realeza/PR**. Projeto de extensão submetido ao edital de fomento à extensão e não contemplado. Realeza/PR, 2019. 16 páginas.

NEIS, Renato Álvaro. **REALEZA ORIGENS E FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO: Projeto “cadernos do município” Terra, História, Memória**. Francisco Beltrão. Gráfica e Editora Berzon Ltda. 1995.

NOVAES, Adauto (org). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo: Editora Marca D' Água, 1996.

POLI, Jaci. **A luta que se fez terra**. Curitiba: Editora IFPR, 2021.

SANTOS, Roseli Alves dos. **O processo de modernização da agricultura no Sudoeste do Paraná**. Presidente Prudente: Unesp, 2008. Tese de doutorado em Geografia.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ⁱ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade da Fronteira Sul, Campus Realeza.

ⁱⁱ Professor da área de História, UFFS/Campus Realeza. Graduado, mestre e doutor em História.